

FONTES PARA O ESTUDO DA VIDA E OBRA DE MANUEL SAID ALI

Maximiano de Carvalho e Silva
UFF

1 – TRAÇOS BIOGRÁFICOS

Manuel Said Ali Ida nasceu na cidade de Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro, Brasil, a 21 de outubro de 1861. Foram seus pais – Said Ali Ida, de origem turca, e Catarina Schiffler, alemã. Órfão de pai aos dois anos de idade, viveu em Petrópolis até aproximadamente os quatorze anos, e lá fez os seus primeiros estudos. Transferindo-se para o Rio de Janeiro, logo se empregou na conhecida editora Laemmert & Cia., cujos proprietários eram alemães: foi a oportunidade de, no trato com os livros e com grandes figuras da vida intelectual brasileira que freqüentavam a livraria, desenvolver as suas aptidões para os estudos lingüísticos e literários. Numa época em que a inexistência de centros de estudo especializado só lhe permitia mesmo ser um autodidata, o bom conhecimento da língua alemã e de outras línguas estrangeiras facilitou-lhe o acesso às obras originais de eminentes especialistas que exerceriam marcante influência em sua formação. O notório saber e a preocupação didática abriram-lhe o caminho do magistério, que exerceu em várias instituições, a partir das duas décadas finais do século XIX: foi professor de alemão, francês, inglês e geografia, tendo integrado o corpo docente do Colégio Pedro II (ou Ginásio Nacional, nos primeiros anos da República) e da Escola Preparatória e de Tática do Realengo e posteriormente da Escola do Estado Maior do Exército (onde, extinto o ensino do alemão, passou a trabalhar como tradutor de textos militares nessa língua).

Dada a grande projeção que alcançou com os seus estudos de Lingüística Portuguesa, influenciou, através de seus discípulos, na renovação dos métodos de ensino da língua, tendo sido alguns de seus compêndios adotados no Colégio Pedro II e em ginásios equiparados. Esses estudos lhe conferem um lugar de destaque ao lado dos grandes pioneiros que, em Portugal e no Brasil, deram novos rumos às especulações lingüísticas: Francisco Adolfo Coelho, Epifânio Dias, Gonçalves Viana, Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Leite de Vasconcelos, Sousa da Silveira e alguns outros (para citar apenas os principais autores de obras fundamentais que se publicaram até a terceira década do século XX). O unânime reconhecimento do seu valor fez de Said Ali um dos membros da Academia Brasileira de Filologia, quando se fundou a instituição em 1944. Said Ali casou-se no ano de 1900, em Bruxelas, com Gertrudes Gierling, de nacionalidade alemã, e ficou viúvo em 1944. Faleceu com noventa e um anos, a 27 de maio de 1953, na cidade do Rio de Janeiro.

Said Ali era um autêntico humanista: os seus amplos conhecimentos em vários campos do saber mantinham nele um constante interesse pelos problemas essenciais do homem – o que nem sempre se percebia com facilidade, pois era de pouca conversa e um tanto arredio ao convívio social. Os mais íntimos amigos – como o historiador Capistrano de Abreu – têm depoimentos que atestam alguns dos traços relevantes da sua personalidade: era dotado de uma inteligência aguda e crítica, o que, aliado à erudição de que deu tantas provas, o ajudava a colocar-se numa posição de equilíbrio na formulação de pontos de vista e julgamentos; amante da música e da pintura – a que se dedicava em horas de lazer – tinha a fina sensibilidade que o levou às sutis distinções com que se distinguem os seus estudos gramaticais do que, então, de modo geral se fazia; era um homem ponderado, modesto, avesso à promoção pessoal, sentimental, e excelente amigo – apesar de muito pouco expansivo e das raras exteriorizações dos sentimentos; distinguia-o sobremaneira a firmeza de caráter e a probidade científica, que o obrigou a fazer pronunciamentos de grande franqueza a respeito de autores que, no seu entender, não se mostravam dóceis à verdade, recusando-se a reconhecer o infundado de afirmações anteriores.

Tinha Said Ali especiais atenções com os seus ex-alunos e discípulos, a vários dos quais recebia em sua casa, para atender a consultas particulares, ministrar aulas gratuitamente, ou mesmo emprestar livros da sua biblioteca. A mais famosa turma de alunos a que se ligou estreitamente – foi aquela que teve como professores de outras disciplinas os escritores José Veríssimo, João Ribeiro e Silva Ramos, da Academia Brasileira de Letras, e da qual faziam parte três alunos que alcançariam, no setor das Letras, as culminâncias da vida intelectual, com os seus estudos lingüísticos e filológicos, ou a sua obra literária: Antenor Nascentes, Sousa da Silveira e Manuel Bandeira. Do altíssimo apreço que lhe votavam esses discípulos ilustres são provas eloqüentes: a dedicatória de Sousa da Silveira já em sua primeira edição das *Lições de Português*, 1923 ("Ao meu sábio mestre e amigo, o Ex^{mo}. Sr. Said Ali...."); a iniciativa de Antenor Nascentes de organizar a *Miscelânea de Estudos em Honra de Manuel Said Ali, Professor do Colégio Pedro II*, comemorativa do 77º aniversário do mestre, Rio de Janeiro, 1938, primeiro trabalho no gênero publicado no Brasil; e as palavras do prefácio de Manuel Bandeira à *Versificação Portuguesa*, edição da Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1948. Serafim da Silva Neto (artigo "In Memoriam: Manuel Said Ali") e Joaquim Matoso Câmara Júnior (artigo "Said Ali e a Língua Portuguesa") lembraram o que foi a visita dos amigos ao mestre, em Petrópolis, para lhe apresentarem a *Miscelânea* com que o homenagearam.

2 – SAID ALI E CAPISTRANO DE ABREU

Um estudo mais completo da vida cultural brasileira nas últimas décadas do século XIX e primeiras do século XX não pode omitir a estreita aproximação e identidade de propósitos científicos que uniu Said Ali e o grande renovador da historiografia brasileira, João Capistrano de Abreu (1853–1927), o qual, natural do Estado do Ceará, viera para o Rio de Janeiro em 1875, e aqui fixou-se definitiva-

mente, ganhando merecida notoriedade com trabalhos como *Descobrimiento do Brasil e Seu Desenvolvimento no Século XVI* (tese de concurso ao Colégio Pedro II, 1883), *Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil* (1889), *Capítulos de História Colonial* (1907), *Rã-txa hu-ni-ku-ĩ/A Língua dos Caxinauás do Rio Ibaçu Afluente do Muru* (1914) e tantas outras contribuições relevantes. Já na década 1881–1890, encontram-se os dois grandes mestres empenhados em buscar novos rumos para as suas especialidades. Firmando-se a amizade entre Capistrano de Abreu – que levou em outra direção a pesquisa histórica – e Said Ali – que desde logo revelou uma nova visão dos fatos lingüísticos, era natural que exercessem benéfica influência um sobre o outro. Na edição da *Correspondência de Capistrano de Abreu*, organizada e prefaciada por José Honório Rodrigues, publicam-se as cartas de Said Ali ao amigo fraterno, no período de 1913 a 1927 (v. Volume III, pp.201-209). Há, em inúmeras cartas de Capistrano a outros amigos íntimos, referências que dizem bem do alto apreço em que tinha o renovador da Lingüística Portuguesa no Brasil. Ligava-os o interesse comum de conhecer bem os textos da língua, literários ou históricos, de conhecer a estrutura do português e de outros idiomas. Foi bastante amiadada a colaboração recíproca. Said Ali era o consultor a quem recorria Capistrano para resolver os seus problemas lingüísticos – o consultor de "intuição luminosa e opulento cabedal", como o classifica no agradecimento do "Prefácio" do livro *Rã-txa hu-ni-ku-ĩ/A Língua dos Caxinauás do Rio Ibaçu Afluente do Muru*, em que o historiador também se revela um lingüista e etnógrafo e pioneiro dos estudos de valor científico sobre as línguas dos grupos indígenas brasileiros. Por sua vez, teve Said Ali de Capistrano eficiente colaboração, mais de uma vez ressaltada: na 2ª edição de *Dificuldades da Língua Portuguesa* (1919) se reconhece grande devedor ao "saber e dedicação" do amigo; no "Prólogo" da 1ª edição de *Lexeologia do Português Histórico* (1921) agradece as sugestões de que resultaram "proveitosos acréscimos e modificações" ao trabalho. Houve, como se pode ler em notas da *Correspondência de Capistrano de Abreu* (Volume III, pp. 201, 202, 205 e 209), referidas por Evanildo Bechara no excelente estudo *M. Said Ali e Sua Contribuição Para a Filologia Portuguesa*, um constante intercâmbio de pontos de vista entre os dois mestres – igualmente interessados em estudos de certas particularidades da língua árabe e das línguas indígenas do Brasil que Capistrano investigou: as dos caxinauás e bacairis. Em cartas de Capistrano, sobretudo ao escritor português João Lúcio de Azevedo (1855–1933) – Volume II da *Correspondência*, há freqüentes alusões ao método de trabalho de Said Ali; o historiador soube assinalar a distinção da atitude de Said Ali em relação ao que faziam o gramático português Cândido de Figueiredo (1846–1925) e de modo geral os gramáticos brasileiros de então: Said Ali era dos que estudavam a língua "pelo mero gosto de saber, e não para sair à rua de palmatória" (v. *Correspondência*, Volume I, p. 325) com a finalidade de castigar os infratores das pretensas regras da boa linguagem, formuladas aprioristicamente. Tudo isto explica o fato de, morto Capistrano de Abreu, ter integrado Said Ali o grupo dos que fundaram a 11 de setembro de 1927 a Sociedade Capistrano de Abreu; e, anos mais tarde, em 1944, ao se fundar a Academia Brasileira de Filologia, ter escolhido o historiador e pesquisador de línguas indígenas para Patrono de sua cadeira.

3 – ORIENTAÇÃO DOS SEUS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

Quando Said Ali se inclinou para as investigações lingüísticas, a Ciência da Linguagem se desenvolvia sob a influência mais antiga das formulações de Bopp, Humboldt, Schleicher – e mais proximamente de Whitney, Schuchardt, Delbrück, Hermann Paul, Osthoff, Brugmann e vários outros. A base de Lingüística Geral de que precisava para aplicar aos estudos do português, hauriu-a Said Ali na leitura meditada desses mestres, a cujas obras fundamentais teve acesso mercê do seu domínio de línguas estrangeiras, como o alemão, o inglês e o francês, principalmente. Paralelamente, tomava ele conhecimento do que se fazia em Portugal, na renovação iniciada por Francisco Adolfo Coelho (1847–1919). Na 1ª edição de *Dificuldades da Língua Portuguesa*, 1908, p. 1, já explicava: "Base das observações próprias com relação ao português, foram obras científicas importantes cujos resultados ou não são devidamente conhecidos entre nós ou se ignoram ainda". Fazendo-se um levantamento dos autores estrangeiros a que se refere ou com quem se correspondeu Said Ali, tem-se a medida da amplitude da bibliografia que dominava, e compreende-se então como pôde encontrar a solução de vários problemas da língua portuguesa, numa época em que os gramáticos viam os fatos de uma perspectiva errada e assentavam as suas conclusões em pressupostos falsos, que Said Ali mais de uma vez teve ocasião de pôr em foco. Ao longo dos anos, comprovou-se que ele estava familiarizado com obras fundamentais, de autores como Sievers, K. Brugmann, Sweet, Storm, Paul Passy, Victor Henry, Appel, Koschwitz, Sachs-Villatte, Sayce, F. Diez, Whitney, Erdmann, Vernalecken, Schuchardt, B. Delbrück, F. Bopp, Ernout, Hermann Paul, Jespersen, F. Miklosich, Schleicher, Lenz, Vossler, E. Boehmer, B. Bourdon, Michel Bréal, Friedländer, Leo Spitzer, Vendryès, Wölfflin, Saussure, Darmesteter, Havet, Wundt, Grandgent, Bourciez, Lindsay, Thomas, Kainz, Hatzfeld, Osthoff, Salvá, Greenough, Walde, Dozy, Tobler, G. Gabelentz, Nyrop, Humboldt, Meyer-Lübke, I. Carré, Löfstedt, Schmaltz, A. Meillet, Goelzer, A. Horning, Schwentner, Lang e muitos outros.

Começando a publicar seus estudos sob a influência preponderante da escola dos neogramáticos alemães, a rara inteligência e a boa formação humanística levaram-no a não seguir cegamente a rígida orientação histórico-evolutiva dos neogramáticos, cuja obra compulsou com espírito crítico, dela depreendendo "as bases doutrinárias para encetar uma sistematização nova dos fatos gramaticais portugueses" e um método de trabalho mais rigoroso (v. Matoso Câmara Júnior, artigo citado, p. 416). A posição de Said Ali era "a do que hoje chamaríamos um **estruturalista**, vendo na língua uma **estrutura**, ou rede complexa mas regularmente trançada, de fatos que se relacionam e se opõem em configurações muito nítidas que ao lingüista cabe depreender" (ibidem, p. 416). Aliás, Said Ali "conheceu bem o ponto de vista saussuriano, que ele cita com simpatia no Prefácio à 2ª edição (1919) das suas *Dificuldades da Língua Portuguesa*" (ibidem, p. 416-417). Decifra-se de certo modo, com a revelação de tudo isto, o "enigma" da superação das deficiências que Said Ali teve de enfrentar, num meio em que a inexistência de instituições universitárias consagradas ao estudo das Letras só lhe propiciava o caminho do

autodidatismo ("enigma" a que se refere I.G. Dimitriu – apud Sílvio Elia, *Ensaio de Filologia*, ed. de 1963, p. 178).

Ao tempo em que Said Ali iniciava a divulgação dos resultados das suas investigações, e nos anos subseqüentes, não eram poucos os estudiosos que se ocupavam das questões práticas da língua portuguesa – como a colocação dos pronomes pessoais átonos, o uso do infinitivo flexionado, a crase, o emprego dos estrangeirismos (especialmente galicismos), o problema ortográfico e vários outros. Já um bom número de gramáticas e de monografias, de autores brasileiros e portugueses, serviam de ponto de apoio ao ensino da língua. De modo geral, os autores desses trabalhos, desinformados ou não integrados nas novas concepções científicas dos estudos lingüísticos, partiam de pressupostos falsos, com isso contribuindo para a propagação de uma série de preconceitos gramaticais, que ainda hoje têm adeptos, mesmo nos cursos universitários, apesar de todo o esforço de esclarecimento do grupo de lingüistas em que Said Ali figura como pioneiro.

Caracterizava a época de desorientação – nas últimas décadas do século XIX e primeiras do século XX – em que, por outro lado, já se firmavam as bases da Ciência da Linguagem, em Portugal e no Brasil:

a) a atuação desenvolvida da corrente dos chamados **puristas**, que se opunha à evolução da língua, como se esta tivesse chegado a um "tipo de perfeição modelar" que recomendasse a sua imutabilidade (v. o capítulo "O Purismo e o Progresso da Língua Portuguesa", introduzido na 2ª edição de *Dificuldades da Língua Portuguesa*, 1919);

b) uma falsa noção de "falar bem" e "escrever bem", que desconhecia na prática a diversidade dos usos lingüísticos, não estabelecendo as necessárias distinções entre língua oral e língua escrita, entre uso português e uso brasileiro da língua comum;

c) com relação à língua literária, a idéia de que os grandes modelos, através dos quais se estabeleceriam normas comuns a serem seguidas em Portugal e no Brasil, eram os escritores portugueses considerados "clássicos", cuja imitação servil, em última análise, ficava sendo a solução admitida como inquestionável;

d) como decorrência de tudo, um conceito de "certo" e "errado" em linguagem que, apoiado em pressupostos insustentáveis, deu margem à proposição de soluções personalistas e simplistas dos problemas da língua, e gerou – muito de acordo com o clima da época – as intermináveis polémicas de gramáticos, responsáveis pelo desprestígio da Ciência da Linguagem entre os leigos e pelas conotações pejorativas da palavra **gramático**, mesmo no campo literário.

Acrescente-se ainda que também eram o mais das vezes condenáveis os processos didáticos adotados por toda a parte.

Distinguiu-se desde logo a atuação de Said Ali, como linguísta e como didata, pelos nítidos traços que lhe conferem o lugar de relevo que é forçoso reconhecer. Em 1895, já professor de línguas estrangeiras, o Governo brasileiro lhe deu a oportunidade de uma viagem à Europa para "estudar a organização do ensino secundário e particularmente o das línguas vivas" (v. Evanildo Bechara, op. cit., pp. 14-15). O relatório dessa viagem, apresentado no ano seguinte ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores, o artigo "Metodologia e Ensino" (na *Revista do Pedagogium*, Rio de Janeiro, Maio de 1896), e os compêndios que escreveu ou traduziu, em cujos prefácios se refere às suas experiências pedagógicas e critica os métodos então em voga – dão idéia da modernidade e da importância da ação desenvolvida por Said Ali como renovador da didática no Brasil.

4 – EXTENSÃO E IMPORTÂNCIA DA OBRA DE SAID ALI

Alguns autores se referem à escassa produção de Said Ali nos seus noventa e um anos de vida. A afirmação, todavia, não resiste a um exame mais cuidadoso, como se verá a seguir, pelo arrolamento das publicações que deixou. Pelo contrário, espantosa pelo volume e pela qualidade é a produção desse homem sem formação universitária, que trabalhou "quase sem o precioso auxílio de guias experimentados" e "sem bibliotecas públicas especializadas" (v. Serafim da Silva Neto, artigo citado, p. 109). Evanildo Bechara, na impossibilidade de assinalar com segurança a data do primeiro trabalho do mestre, cita o artigo "A Ortografia de Alexandre Herculano – Sons Nasais", estampado no jornal *Novidades* (Rio de Janeiro, 8 de Fevereiro de 1887), como o mais antigo que conseguiu localizar (v. Bechara, op. cit., p. 3).

Tentando classificar as publicações de Said Ali, com base no levantamento bibliográfico a que procedemos em 1961 para um número da *Revista Brasileira de Filologia* (Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica) que não chegou a ser publicado, e nas pesquisas de Evanildo Bechara (op. cit.), pode-se chegar ao seguinte resultado, em que o grande mestre figura como:

- a) autor de artigos em jornais e revistas – *Revista Brasileira* (1895–1898), *Anuário do Colégio Pedro II* (1914 e 1921), *Revista de Língua Portuguesa* de Laudelino Freire (1920 a 1928, números 4, 11, 54 e 55), *Revista de Filologia Portuguesa* na fase sob a direção de Mário Barreto (1925, número 13), *Revista de Filologia e de História* do Padre Augusto Magne (1931 e 1932, Tomos I, fascículo I, e II, fascículo I), *Revista de Cultura* do Padre Tomás Fontes (1932 a 1945, números 72, 74, 76, 78, 85, 105, 107-108, 118, 121, 123, 128, 131-132, 139, 141, 145, 146, 164, 175, 176, 181, 199, 200, 202, 214, 223), *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro (10/12/1933,

7/8/1938, 6/6/1948, 29/8/1948, 27/2/1949), *Boletim de Filologia* do Centro de Estudos Filológicos de Lisboa (1939, Tomo VI), *Philologica* de Evanildo Bechara (1948–1949), *Studia* – órgão cultural da Congregação do Colégio Pedro II (1951, número 2);

b) tradutor-adaptador ou autor de compêndios com que colaborou para a renovação da didática no ensino médio brasileiro (1893 – *Primeiras Noções de Gramática Francesa* de Carlos Ploetz; 1894 – *Nova Gramática Alemã*; 1895 – *Primeiras Noções Sobre as Ciências* de Th. Huxley; 1897 – *Nova Seleta Francesa* de Carlos Kühn; 1898 – *The English Student* de Emílio Hausknecht; 1899 – *Curso Prático da Língua Francesa* de Ph. Rossmann e F. Schmidt; 1905 – *Compêndio de Geografia Elementar*), alguns dos quais tiveram reedições até data recente;

c) autor de estudos prévios de edições de escritores brasileiros (1895 – *Obras Completas de Casimiro de Abreu*; 1896 – *Poesias de Gonçalves Dias*; 1898 – *Obras Completas de Castro Alves*, edições Laemmert, Rio de Janeiro);

d) autor do prefácio intitulado "Juízo Crítico" ao livro *Sintaxe da Língua Portuguesa*, de Leopoldo da Silva Pereira, Rio de Janeiro, Laemmert, 1898;

e) autor de estudos sobre a renovação da ortografia portuguesa (como os do livro *Vocabulário Ortográfico*, Rio de Janeiro, Laemmert, 1905);

f) autor de miscelâneas de estudos, muitos dos quais antes publicados em jornais e revistas e refeitos para a reedição em livro (1908 – *Dificuldades da Língua Portuguesa*, que teve acréscimo de capítulos e alterações na 2ª edição de 1919; 1930 – *Meios de Expressão e Alterações Semânticas*);

g) autor de tentativas de sistematização, à luz das novas doutrinas, dos estudos de lingüística sincrônica e diacrônica do português (1921 – *Lexeologia do Português Histórico*; 1923 – *Formação de Palavras e Sintaxe do Português Histórico/ Gramática Elementar da Língua Portuguesa/ Gramática Secundária da Língua Portuguesa*; 1931 – *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, 2ª edição da *Lexeologia* e da *Formação de Palavras e Sintaxe do Português Histórico*);

h) autor de estudos de versificação – uma série de artigos depois reunidos em livros (1948 – *Versificação Portuguesa*; 1957 – *Acentuação e Versificação Latinas*).

5 – VALOR DA SUA CONTRIBUIÇÃO À LINGÜÍSTICA PORTUGUESA

Compreendeu bem o que representa a contribuição de Said Ali à Lingüística Portuguesa, cuja importância ressaltou como de interesse não restrito ao Brasil e a Portugal, o lingüista Zdenek Hampejs, que em artigo no *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro (8 de abril de 1961) recomendou vivamente a reedição dos trabalhos do mestre como a melhor forma de homenageá-lo por ocasião das comemorações do centenário do seu nascimento. Dão a medida do valor de Said Ali como estudioso dos problemas de Lingüística Geral: a capacidade de distinguir o lado positivo da contribuição dos grandes mestres do século XIX, como os neogramáticos, pondo de lado os seus excessos e a visão unilateral dos fatos da evolução lingüística; a percepção dos dois planos dos estudos – o sincrônico e o diacrônico, de que é exemplo a *Gramática Secundária*, apresentada no capítulo inicial como exposição dos "fatos da língua atual"; a noção de como se estabelecem cientificamente as normas do uso culto da língua, fazendo-se o registro fiel dos fatos da língua padrão e observando-se os hábitos de pronúncia da mesma época (que, variando em países ou regiões de língua comum – como frisou nos estudos sobre a colocação do pronome pessoal átono em Portugal e no Brasil, levam a um conceito flexível de correção gramatical, dentro do qual se prevêem as variantes como usos nacionais e regionais legítimos e incontestáveis); as luminosas considerações do ensaio "O Purismo e o Progresso da Língua Portuguesa", que data de 1914, sobre a característica de mutabilidade das línguas como expressões de culturas que se intercomunicam, e sobre os empréstimos lingüísticos como fatos inelutáveis; a compreensão da existência de outros fatores, como o psicológico, nas alterações de linguagem; a distinção que faz, em diferentes oportunidades, como ao estudar o emprego da forma flexionada do infinitivo em português, entre os usos gramatical e estilístico dos recursos de comunicação e expressão da língua; o exato conceito de **idiotismo** ou **idiomatismo**, que ele não caracteriza como fato exclusivo de uma determinada língua; a valorização, na justa medida, da questão ortográfica, que o fez pugnar pela simplificação e uniformização das grafias do português sem no entanto admitir rigidez de soluções para todos os casos (como já lembra na "Introdução" do *Vocabulário Ortográfico* e exemplifica largamente ao analisar a reforma proposta por Gonçalves Viana, no capítulo "Nomes Próprios Geográficos", já na edição de 1908 de *Dificuldades da Língua Portuguesa*); a boa utilização do método estatístico para comprovar afirmações referentes a problemas da língua portuguesa; uma permanente preocupação de não sobrecarregar a nomenclatura com denominações novas e desnecessárias, e de evitar "a terminologia abstrusa e inútil" (v. "Prólogo" da *Gramática Secundária*).

Como especialista em Lingüística Portuguesa, revelam as suas obras uma leitura meditada e atenta de muitos dos grandes autores portugueses, da época medieval ao século XIX, cujos exemplos tinha o costume de fichar e classificar, para mais facilmente organizar a matéria dos artigos e livros que publicou. Said Ali tinha noção exata do papel que cabe aos escritores de registrar os neologismos e as novas formas de expressão já consagradas pelo falar comum (v. o "Prólogo" da *Lexeologia*, 1921). Quanto ao fato de ter citado tão pouco os autores brasileiros em suas obras,

esclarece ele próprio, em carta a propósito da publicação das *Lições de Português* de seu discípulo Sousa da Silveira, em 1923: "Aplaudo e muito, o citar trechos de autores brasileiros, autores a que os gramáticos da antiga escola negavam o direito de votar. Eu pessoalmente não há dúvida que pouco os tenho citado em meus trabalhos; mas é claro que estudando, como estudo, os fatos historicamente, se não tratei desenvolvidamente do falar brasileiro, é que ainda não cheguei a esta fase mais moderna da linguagem" (v. obra citada, 8ª edição, Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1972, p. 311). É pena, todavia, que, sendo preponderantemente de base filológica as investigações lingüísticas de Said Ali, e tendo ele noção da necessidade das edições críticas e empenho de identificar as fontes de que se servia, se verifiquem com freqüência as seguintes falhas nas suas citações: indicações incompletas, ou às vezes demasiadamente abreviadas, limitando-se até, como por exemplo na *Gramática Secundária*, aos nomes dos autores alegados; utilização de fontes não fidedignas (como a edição de 1852 das *Obras* de Gil Vicente, mesmo depois de em 1928 ter sido publicado o fac-símile da edição príncipe de 1562 pela Biblioteca Nacional de Lisboa). A esse propósito, leiam-se a "Advertência aos leitores da sexta edição" das *Dificuldades da Língua Portuguesa* e a "Apresentação" da 3ª edição da *Gramática Histórica da Língua Portuguesa* – reedições póstumas das duas obras, sob os cuidados de Maximiano de Carvalho e Silva. Também é lamentável o fato de ter Said Ali associado o seu nome ao das edições Laemmert das poesias de Casimiro de Abreu, Gonçalves Dias e Castro Alves, atrás citadas, cujos textos não merecem confiança: à falta de indicações relativas à preparação desses textos, ficaram como da responsabilidade do mestre, autor dos prefácios, as falhas graves de um trabalho em que não tomou parte – o do estabelecimento do texto de cada edição.

No campo da Lingüística Diacrônica Portuguesa, como viu muito bem Capistrano de Abreu, em cuja *Correspondência* (Volume I: pp. 253, 314, 325; Volume II: pp. 85, 121-122, 131, 153, 159, 160, 172, 177, 189, 193, 196, 198, 207, 211, 212, 245, 284, 334) se tem notícia do andamento dos estudos históricos e das publicações respectivas, bem como dos processos de investigação de Said Ali, a atenção maior do linguista se voltou para a língua já formada – o que o levou a não aprofundar o estudo dos antecedentes, do latim ao português. Por isso, deu com razão às obras fundamentais de 1921 e 1923 os títulos de *Lexeologia do Português Histórico* e de *Formação de Palavras e Sintaxe do Português Histórico*. Ao se reunirem estes livros para compor a *Gramática Histórica*, Said Ali transpôs para o início do volume os apêndices do segundo: "História Resumida da Língua Portuguesa" (6 páginas) e "Alterações Fonéticas do Latim Vulgar" (13 páginas); continuava a ser a obra acima de tudo uma revisão do português histórico. No "Prólogo" da *Lexeologia*, tratando dos períodos que distingue no português histórico, reconhece logo a impossibilidade de traçar com rigor limites entre as fases da evolução da língua: opunha-se assim às classificações rígidas que na época muitos estudiosos propunham, resolvendo com simplismo o complexo problema. Comparando os estudos de Said Ali com os de Epifânio Dias – na *Sintaxe Histórica Portuguesa* (obra póstuma, Lisboa, 1918) – e os de José Joaquim Nunes no *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa (Fonética e Morfologia)* (1ª edição: Lisboa, 1919), autores a que Said Ali se refere com o merecido respeito, vê-se perfeitamente que aí se

realizaram trabalhos de orientação ou de métodos diferentes: Nunes dá grande desenvolvimento à "Fonética ou Estudo dos Sons", o que não acontece com Said Ali; por outro lado, além das demais diferenças, há no estudo dos vocábulos e da formação de palavras de Said Ali uma preocupação de documentar através dos textos a ocorrência dos fatos que analisa, não observada em Nunes (na segunda parte de sua obra – "Morfologia ou Estudo das Formas"). Quanto à Sintaxe – ponto alto da contribuição de Said Ali – lembre-se que dela não se ocupou o autor do *Compêndio*, embora tivesse intenção de fazê-lo, como declara no prefácio da 2ª edição, de 1930. No que diz respeito à *Sintaxe Histórica Portuguesa*, de Epifânio Dias – obra a que o autor não pôde dar "a última demão", e cuja publicação procurou apressar, com a idéia fixa da morte próxima, como de fato ocorreu – a comparação não deixa dúvida de que Said Ali teve oportunidade de aprofundar muito mais as suas investigações e de dar-lhes o caráter interpretativo que, no entender do lingüista português Manuel de Paiva Boléo, permitem que ele seja considerado "o maior sintaxista da língua portuguesa" (v. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, 1º Volume, Lisboa, 1963, col. 1248, artigo "ALI, Manuel Said"). O próprio método de pesquisas etimológicas de que se valeu Said Ali também trazia uma nova marca: a do "método de investigação inaugurado por R. Meringer e conhecido por *Wörter und Sachen* (Vocábulos e Coisas)" – o que significa que o mestre não dissociava "da preocupação etimológica a história mesma do vocábulo" (v. Evanildo Bechara, op. cit., pp. 62-63).

Com a formação lingüística que teve, e a visão da evolução da língua, pôde Said Ali resolver, ou abrir caminhos para a solução de questões que eram o prato preferido nas intermináveis polêmicas dos gramáticos desorientados. No campo da Lingüística Sincrônica, se por um lado pouco expressivo é o que dedicou à Fonologia, no entanto forçoso é reconhecer o seu interesse pela língua falada, do que é exemplo o estudo pioneiro sobre fenômenos de entoação, cuja primeira versão data de 1895. Foram esses estudos e outras especulações fonológicas que o levaram à compreensão de que a colocação habitual das palavras na frase "não se explica satisfatoriamente pela seqüência lógica das idéias", mas está fundada "na intonação oracional própria de uma língua ou de um grupo de línguas" (v. *Gramática Secundária*, 4ª edição, p. 270). No caso específico da colocação dos pronomes pessoais átonos – matéria de dois capítulos de *Dificuldades da Língua Portuguesa*, deslocando-se do plano sintático para o fonológico e vendo "condições de pronúncia" que não são as mesmas em Portugal e no Brasil, concluiu ele, com a lucidez de sempre: "a liberdade de colocação é correta no Brasil, conforme já está sancionada na linguagem literária pelos escritores brasileiros. Ocioso seria um povo querer imitar o outro, e tanto custa ao brasileiro imitar o português, quanto é difícil a este o acompanhar-nos a nós. O que num país parece brotar espontâneo ao ar livre, noutro só se conseguiria a poder de cultura em atmosfera artificial" (v. edição de 1908 da obra citada, p. 59). Muitos outros aspectos da contribuição de Said Ali ainda poderiam ser postos em evidência, mas já foram devidamente focalizados pelos autores que se têm ocupado da análise da sua obra – que, como já se disse, o coloca entre os grandes pioneiros da renovação dos estudos de Lingüística Portuguesa.

6 – OBRAS PRINCIPAIS

Nos domínios da Lingüística, da Estilística e da Versificação Portuguesa, publicou Said Ali as seguintes obras:

- Dificuldades da Língua Portuguesa – Estudos e Observações*. Rio de Janeiro, Laemmert, 1908 [2ª edição, aumentada e melhorada: 1919; 3ª edição, com pequenos retoques de redação e doutrina: 1930 (texto definitivo); 4ª edição, acrescida de notas adicionais e índice alfabético e remissivo, preparada por Evanildo Bechara: 1950; 5ª edição, póstuma, com prefácio de Serafim da Silva Neto, e estabelecimento do texto, revisão, notas e índices por Maximiano de Carvalho e Silva: 1957; 6ª edição, com base na anterior. 1966].
- Gramática Elementar da Língua Portuguesa*. São Paulo, Melhoramentos, 1923 [8ª edição, atualizada por Adriano da Gama Kury: 1965].
- Gramática Secundária da Língua Portuguesa*. São Paulo, Melhoramentos, 1923 [nova edição, revista e comentada por Evanildo Bechara: 1964].
- Meios de Expressão e Alterações Semânticas*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1930 [2ª edição, anotada: 1951].
- Lexeologia do Português Histórico*. São Paulo, Melhoramentos, 1921.
- Formação de Palavras e Sintaxe do Português Histórico*. São Paulo, Melhoramentos, 1923.
- Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo, Melhoramentos, 1931 [obra que reúne a *Lexeologia do Português Histórico* e a *Formação de Palavras e Sintaxe do Português Histórico*; reedição, com estabelecimento do texto, notas e índices por Maximiano de Carvalho e Silva: 1964].
- Versificação Portuguesa*, prefácio de Manuel Bandeira. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1948.
- Acentuação e Versificação Latinas (Observações e Estudos)*. Rio de Janeiro, Organização Simões, 1956.

Os mais importantes estudos dispersos de Said Ali foram reunidos, com um estudo prévio, por Evanildo Bechara no livro *Investigações Filológicas* (Rio de Janeiro, Grifo/MEC, 1975; 2ª edição: 1976).

7 – ESTUDOS BIOBIBLIOGRÁFICOS SOBRE SAID ALI

- BANDEIRA, Manuel. "Prefácio". In M. Said Ali, *Versificação Portuguesa*, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1948, p.IX-XII.
- BECHARA, Evanildo. *Primeiros Ensaios Sobre a Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, 1954, p. 165-175.
- IDEM. "Manuel Said Ali Ida". In *Letras*, revista dos Cursos de Letras, Curitiba, Universidade do Paraná, n. 5-6, dez. 1956, p. 167-182.
- IDEM. *M. Said Ali e Sua Contribuição Para a Filologia Portuguesa* [tese de concurso, policopiada]. Rio de Janeiro, 1962.
- IDEM. "Prefácio"/"A Contribuição de M. Said Ali à Lingüística Portuguesa". In M. Said Ali, *Investigações Filológicas*, Rio de Janeiro, Grifo/MEC, 1975, p. 9-28.

- IDEM, *A Contribuição de M. Said Ali à Lingüística Portuguesa*. Porto Alegre, Instituto Cultural Brasileiro-Árabe, 1970.
- BLAKE, Sacramento. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. 6º volume. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1900, p. 193-194.
- BOLÉO, Manuel de Paiva. "Ali (Manuel Said)". In *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, volume 1º, Lisboa, 1963, coluna 1248.
- CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Matoso. "Said Ali e a Língua Portuguesa". In *Vozes*, Petrópolis, ano 55, junho de 1961, p. 415-419.
- COUTINHO, Afrânio & SOUSA, J. Galante de. "Ali, M. Said". In *Enciclopédia de Literatura Brasileira*, volume I, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/FAE, 1990, p. 179.
- DIMITRIU, I. G. In *Orbis*, tomo VIII, nº 2, 1959, p. 578-582.
- ELIA, Sílvio. *Ensaio de Filologia e Lingüística*, 2ª edição refundida e aumentada, Rio de Janeiro, Grifo/MEC, 1975, p. 129-133.
- ESCOREL, Sílvia & HOUAISS, Antônio. "Said Ali". In *Enciclopédia Mirador Internacional*, volume 18, p. 10148, Rio de Janeiro – São Paulo, Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações, 1975.
- FIGUEIREDO, Antônio Joaquim de. *Resenha Breve das Idéias Gramaticais dos Gregos aos Nossos Dias e Outros Ensaio*, Rio de Janeiro, Imprensa do Exército, 1957, p. 104-107.
- HAMPEJS, Zdenek. "M. Said Ali". In *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, nº de 8 de abril de 1961.
- IDEM. "Centenário de Said Ali". In *Miscelânea de Estudos a Joaquim de Carvalho*, Figueira da Foz (Portugal), Edição do Doutor Manuel Montezuma de Carvalho, 1962, p. 867-872.
- MELO, Gladstone Chaves de. *Iniciação à Filologia e à Lingüística Portuguesa*, 6ª edição, Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1981, p. 31-32.
- MENESES, Raimundo. "Said Ali (Manuel...Ida)". In *Dicionário Literário Brasileiro*, 2ª edição, Livros Técnicos e Científicos, 1978, p. 602-603.
- NASCENTES, Antenor. *Estudos Filológicos*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1939, p. 38-45.
- RODRIGUES, José Honório [organizador]. *Correspondência de Capistrano de Abreu*, 3 volumes, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1954-1956.
- SILVA, Maximiano de Carvalho e. "Advertência aos Leitores da Sexta Edição". In *Said Ali, Dificuldades da Língua Portuguesa*, 6ª edição, Rio de Janeiro, Acadêmica, 1966, p. 9-11.
- IDEM. "Apresentação" / "Nota". In *Said Ali, Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, São Paulo, Melhoramentos, 1964, p. 5-6 e 364.
- IDEM. "Influência de Silva Ramos e Said Ali". In *Sousa da Silveira / O Homem e a Obra / Sua Contribuição à Crítica Textual no Brasil*, Rio de Janeiro, Presença, 1984, p. 11-14.
- SILVA NETO, Serafim da. "In Memoriam – Manuel Said Ali". In *Revista Brasileira de Filologia*, volume I – tomo I, junho – 1955, Rio de Janeiro, Acadêmica, p. 109-112.
- IDEM. "Prefácio". In *M. Said Ali, Dificuldades da Língua Portuguesa*, 6ª edição, Rio de Janeiro, Acadêmica, 1966, p. 6-7.
